

PROMETEUS - FILOSOFIA

MESTRADO EM FILOSOFIA/ UFS - CATEDRA UNESCO/ ARCHAÍ

JANEIRO - JUNHO DE 2015 - VOLUME 8 - ANO 8 - Nº 17

ISSN: 2176 - 5960

O ENIGMA DA EDUCAÇÃO EM TEMPOS DIFÍCEIS: UMA LEITURA DIALÓGICA DE HANNAH ARENDT

Mestrando em filosofia da PUC-Rio

RESUMO: O presente trabalho se tece a partir de uma leitura dialógica de um ensaio de Hannah Arendt, chamado *A crise na Educação*. Nesse sentido, aproximam-se interpretativamente a autora e alguns filósofos da antiguidade, quais sejam: Epicuro, Platão e Aristóteles. Como “método” pinçaremos algumas referências e partiremos do específico de cada filósofo e enunciado ao geral de nosso tempo presente. Tudo isso visa contemplar o problema central, concernente à educação entendida num sentido amplo, que pode ser colocado da seguinte maneira: “que devemos ensinar aos nossos filhos?”.

PALAVRAS-CHAVE: Crise. Educação. Filósofos.

ABSTRACT: This paper is woven from a dialogical reading of an essay by Hannah Arendt, called *The crisis in Education*. By the way, we put together this author and some philosophers from the old age, such as Epicurus, Aristotle and Plato. As a method we choose some references and we'll depart from the specific to each philosopher and concept to the general of our present time. All this is to contemplate the central problem that concerns with regard to education. That can be placed as follows: “what should we teach to our children?”.

KEYWORDS: Crisis. Education. Philosophers.

Introdução

Há um problema que enfrentamos todos os dias. Deparamos-nos com ele nos antepassados e topamos com ele as gerações futuras. Não importa se nos referimos a uma mãe indígena numa taba, no Alto Xingu¹; nem se falamos de um grupo de *gitanos* da Andaluzia; não faz diferença se é uma família de músicos de choro em Santa Teresa ou se são filhos de um maestro de Viena. Todos o encaram, mesmo que não percebam. Todos passaram por ele e são – ou foram ou serão – frutos vivos de uma perspectiva adotada.

Podemos colocá-lo da seguinte maneira: *que devemos ensinar aos nossos filhos?* Temos nada mais, nada menos, do que toda história da humanidade, das pinturas de Lascaux ou do Parque Nacional da Serra da Capivara, até agora, pois crianças nascem nesse exato instante... E continuarão nascendo, sem cessar.

Como a magnitude do problema e sua urgência não permitem hesitação, nos deteremos, aqui, apenas em algumas respostas. De começo, abordaremos três filósofos da antiguidade, quais sejam: Epicuro, Aristóteles e Platão. Assim optamos por termos percebido que já em seu tempo puseram a questão, cada qual de uma maneira peculiar. O primeiro através do *quando*, o segundo a partir do *quem* e do *como* e o terceiro participa do problema com um *que* e um *pra que*. Adiante explicaremos esses termos e o porquê de seu uso.

Em seguida, analisaremos alguns conceitos expostos por Hannah Arendt, em particular no texto *A crise na Educação*, quais sejam: natalidade, crise, tradição, dentre outros. Tratam-se de algumas considerações agudas e que nos chegam de maneira direta.

Em um terceiro momento, faremos uma espécie de “estudo de caso”, o que acabará reforçando algumas das teses arendtianas. Isso se dará a partir de *Uma menina estranha: autobiografia de uma autista*, de Temple Grandin. Perceberemos, no momento oportuno, porque este livro figurará entre nossas referências.

Por fim, a partir dos conceitos e reflexões expostos, tentaremos uma saída, partindo de uma conceituação própria. Definiremos, na ocasião, duas possíveis respostas que se dão através do que chamaremos de *via da vaia* e *via da vida*.

¹ Despertou-nos essa reflexão uma música, chamada “Mãe é só”, cujos compositores são Rafael Alterio, Pedro Alterio e Celso Viáfora.

1 Filósofos antigos já puseram a questão

Se seguirmos a orientação de Aristóteles, em sua obra *Retórica* (1355b)², estaremos convencidos de que cada tema exige uma maneira adequada de persuasão, isto é, de argumentação. No que concerne ao nosso, qual seja: “que devemos ensinar aos nossos filhos?”, dado sua generalidade como acima expusemos, podemos arriscar uma espécie de “método” – entendido aqui em seu sentido original como caminho, via de aproximação. Pinçaremos algumas referências e partiremos do específico de cada filósofo e enunciado ao geral de nosso tempo presente. Isso pode ser feito, pois uma pergunta cabe em outra, tal como uma árvore imensa cabe no ponto da semente. A filosofia, assim, se mantém viva e bem nutrida quando tornamos presentes questões seculares.

Por concordarmos com o historiador francês Jean Pierre Vernant, que acredita que “os gregos em grande parte nos inventaram”³, começaremos pela Hélade. Pois bem, de saída traremos, à baila um pensador que é muito citado, mas pouco compreendido: Epicuro. Nasceu por volta do terceiro século a. C., na ilha grega de Samos. Muitos associam o seu pensamento a um simples hedonismo, uma busca imoderada pelos prazeres. Contudo – controvérsias à parte – destacaremos um trecho de sua *Carta sobre a felicidade*⁴. Logo no início dela escreve ao amigo Meneceu:

Que ninguém hesite em se dedicar à filosofia enquanto jovem, nem se canse de fazê-lo depois de velho, porque ninguém é jamais demasiado jovem ou demasiado velho para alcançar a saúde do espírito. Quem afirma que a hora de dedicar-se à filosofia ainda não chegou, ou que ela já passou, é como se dissesse que ainda não chegou ou que já passou a hora de ser feliz. Desse modo, a filosofia é útil tanto ao jovem quanto ao velho: para quem está envelhecendo sentir-se rejuvenescer através da grata recordação das coisas que já se foram, e para o jovem poder envelhecer sem sentir medo das coisas que estão por vir; é necessário, portanto, cuidar das coisas que trazem a felicidade, já que, estando ela presente, tudo temos e sem ela, tudo fazemos para alcançá-la.⁵

² “É, pois, evidente que a Retórica não pertence a um gênero definido, mas é como a Dialética, e que é útil, e ainda que persuadir não é sua função, mas ver os meios de persuasão que comporta cada tema, tal como em todas as outras artes.” (ARISTÓTELES. *In*. PEREIRA, 1982, p. 422).

³ Matéria publicada no jornal FOLHA DE SÃO PAULO, Ed. nº 25.778, Domingo, 31/10/1999. Caderno MAIS!

⁴ EPICURO, 2002, ; trad. de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore.

⁵ *Ibid.*, p. 21-23.

Deixemos de lado, com uma postura hermenêutica e seletiva, o sentido que primeiro emana do texto, a saber: uma associação efetiva entre o exercício do filosofar e uma felicidade possível a partir de seu emprego. Tentemos, pois, outra via de acesso.

Enxergamos, no exceto supracitado, um desdobramento da questão “que devemos ensinar a nossos filhos?”. Epicuro traz à tona um aspecto que nomearemos *quando*. “Quando devemos ensinar aos nossos filhos?”. É certo que a filosofia lhe parece tábua de salvação nos naufrágios da vida, mas o que ele coloca é o seguinte: *quando* devemos nos dedicar a ela? *Sempre*, responder-nos-ia, sem pressa.

Se entendermos, aqui, a educação a partir do ponto de vista de uma lente objetiva grande angular, isto é, num sentido amplo de *transmissão*, perceberemos que Epicuro se preocupou com ela, aconselhando tanto sua prática, quanto seu ensino. Inquietou-se, então, com a transmissão de valores e, sobretudo, de *posturas* passíveis de exercício, posturas filosóficas, enfim.

Outro grego que nos “inventou” foi Aristóteles e não deve haver, quiçá, um manual de filosofia em que esta assertiva, presente na obra *Metafísica* (480a), não figure:

Todos os homens tem o desejo natural de saber. Prova disso é a afeição aos sentidos, pois até sem os utilizarem são estimados por si mesmos, e, mais do que todos, aquele que vem através dos olhos. De facto, daríamos a preferência à visão, acima de tudo o mais, por assim dizer, e isso não só para actuarmos, como também quando não estamos para fazer nada. A razão é que é esse, dentre os sentidos, aquele que nos dá mais conhecimentos, como também o que mostra melhor as diferenças⁶.

Se aprendemos mais com os olhos ou com qualquer outro sentido, mesmo com todos, pouco importa. Se continuarmos a nos referir a nossa questão e se continuarmos a entender a educação no sentido amplo de transmissão, perceberemos que Aristóteles, qual Epicuro, também destaca algo, ou melhor, dois aspectos. Ao primeiro chamemos *quem*. Afinal, *quem tem desejo de aprender? Quem deve ensinar aos nossos filhos?* Aristóteles ladeia Epicuro e sentencia: “Todos os homens tem o desejo natural de saber”.

A segundo batizemos *como*: *como ensinar nossos filhos?* Aristóteles o diz, nas entrelinhas da citação acima exposta: “Ensina-os explorando-lhes os sentidos, principalmente a visão”. E isto fora levado a sério, pois consta que os jesuítas tanto na América hispânica, quanto na portuguesa, aplicavam métodos aristotélicos na catequese

⁶ ARISTÓTELES. *In*. PEREIRA, 1982, p. 425.

dos ameríndios, envolvendo-os em especial a partir da visão; chocando-os, muitas vezes.

A terceira e última menção à antiguidade que faremos é ainda mais correntemente usada do que as anteriores. No filme *Matrix* – pelo menos no primeiro da série, de maneira mais direta –, por exemplo, percebemos sua influência e não deve haver, quiçá, um professor de filosofia – em todos os níveis escolares, do ensino fundamental ao superior – que não a mencione em algum momento. Trata-se do Mito da caverna, de Platão.

Na impossibilidade de o reproduzirmos na íntegra, que atentemos ao trecho em que antecede seu enunciado. Na tradução que dispomos⁷, temos:

Depois disso, [...] compara nossa natureza, *conforme seja ou não educada*, com a seguinte situação: imagina homens em uma morada subterrânea em forma de caverna, provida de uma única entrada com vista para a luz em toda sua pureza⁸.

E o mito, ou alegoria, prossegue. Podemos entendê-lo das mais variadas formas. Contudo, gostaríamos de frisar: “Conforme seja ou não educada”. Platão, seguindo a chave de leitura conforme temos feito, traz a lume novos desdobramentos a nossa questão.

Chamemos o primeiro de *que*. Ora, não é exagero nenhum dizer que o filósofo fora um dos primeiros que se preocuparam com o “currículo”, com o que devemos aprender e com que sequência. “*Que* devemos ensinar aos nossos filhos?” A sua obra *A República* está permeada de elementos que respondem a esta indagação. “Deveríamos ensinar matemática, ginástica, música, e muitas outras coisas aos nossos filhos” – podemos colocar assim, como se o próprio tivesse afirmado e o fazemos porque os trechos da referida obra que respondem direta ou indiretamente àquele questionamento são incrivelmente numerosos.

Ao segundo desdobramento nomeemos *pra que*: “Pra que devemos ensinar nossos filhos?”. Segundo a leitura de Carlos Alberto Nunes, a saída da caverna é um movimento metafórico e nele reside a dupla conversão: “que é a conversão do homem quanto à sua natureza e do conhecimento quanto à verdade”⁹. Nesse sentido, o homem deve ser educado para que transforme tanto a si mesmo quanto à sua forma de enxergar

⁷ PLATÃO, 2000; trad. de Carlos Alberto Nunes.

⁸ *Ibid.*, p.319. Grifo nosso.

⁹ *Ibid.*, p. 18.

o mundo e isso, naturalmente, se refletirá na *República* onde se dá o encontro público com a alteridade.

2 Hannah Arendt e *A crise na Educação*

O ensaio em que nos basearemos, neste passo, está presente na coletânea *Entre o passado e o futuro*¹⁰ e se chama *A crise na Educação*, publicado pela primeira vez em 1957¹¹. Trata-se de mais uma reflexão da pensadora a respeito da crise que, segundo ela, abate o mundo moderno. Temos de ter sempre em vista que:

Para Hannah Arendt, toda atividade intelectual tem início no contato com os acontecimentos [...] Seus escritos são propriamente ensaios, no sentido de que são experimentos de pensamento, e tudo que podem almejar é adquirir a experiência de *como pensar*¹².

O que a fez escrever, certa vez: “Posso muito bem viver sem fazer nada. Mas não posso viver sem tentar compreender o que acontece”¹³. Ora, no referido ensaio, isso propriamente se dá – busca compreender a crise que se processa no mundo moderno e que se manifesta na educação da América, a partir de acontecimentos. Seus críticos, que muitas vezes a tacham – erroneamente – de conservadora, deveriam levar em conta essa sua perspectiva.

Pois bem, ali questões pertinentes, sobretudo à atualidade, são elencadas. O texto é, digamos, infinito em seus desdobramentos, o que sem dúvida tem relação com seu estilo pessoal e com a tipologia textual que em geral escolhe.¹⁴ Por isso mesmo, continuaremos com uma postura, como antes dizíamos, hermenêutica e seletiva.

Prossigamos, pois, no fluxo de pensamento em que estávamos e que se baseia em nosso mote. Qual seja, “que devemos ensinar aos nossos filhos?”. Na verdade, fora esse texto de Hannah Arendt que nos ensejou as reflexões enunciadas acima. Procuraremos, agora, ligar as considerações supracitadas ao ensaio da autora,

¹⁰ A respeito escrevera Eduardo Jardim: “Os ensaios coligidos em *Entre o passado e o futuro* consideram criticamente os aspectos centrais da vida do século XX – a crise da tradição e da autoridade política, o conceito de história, a situação da cultura e da educação e o acelerado desenvolvimento da técnica e da ciência. Foi o livro escolhido pela autora para introduzir sua obra no Brasil, em 1972” (JARDIM, 2011, p. 19). Este ensaio que abordaremos versará justamente, como o próprio título sugere, sobre a educação e uma revisão de seus paradigmas na América.

¹¹ ARENDT, 2000, p. 221-247.

¹² JARDIM, 2011, p. 22-23. Grifo nosso.

¹³ *Ibid.*, p. 23.

¹⁴ Como já dissemos e repetimos: trata-se de um *ensaio* da autora.

sempre seguindo nosso caminho proposto: partindo do específico de cada filósofo e enunciado ao geral de nosso tempo presente.

Antes dizíamos, a partir da citação de Epicuro, que este se preocupava em relação ao *quando*: “*quando* devemos ensinar aos nossos filhos?”. Acreditamos que Arendt, igualmente, tateia uma resposta a esta indagação, no momento em que afirma que as crianças precisam de um espaço privado – muito bem delimitado – para que possam crescer e se desenvolver plenamente. Citemos:

Por precisar ser protegida do mundo, o lugar tradicional da criança é a família, cujos membros adultos diariamente retornam do mundo exterior e se recolhem à segurança da vida privada entre quatro paredes. Essas quatro paredes, entre as quais a vida familiar privada das pessoas é vivida, constitui um escudo contra o mundo e, sobretudo, contra o aspecto público do mundo. Elas encerram um lugar seguro, *sem o que nenhuma coisa viva pode medrar. Isso é verdade não somente para a vida da infância, mas para a vida humana em geral.*

(...) *Tudo que vive, e não apenas a vida vegetativa, emerge das trevas, e, por mais forte que seja sua tendência natural a orientar-se para a luz, mesmo assim precisa da segurança da escuridão para poder crescer.*¹⁵

“Não apenas a vida vegetativa”... Ora, não passamos, todos os humanos viventes, mais ou menos nove meses encarcerados nos ventres de nossas mães, na escuridão? Isso não é uma forma de “emergir das trevas”? cremos que sim e este é o primeiro sentido que nos advém a partir da leitura da citação. O segundo, trazendo tais reflexões ao tempo presente, é que temos, agora muito mais que antes, esquecido que precisamos de uma boa dose de “escuridão interior” para maturarmos o fruto que somos e nos entregarmos à vida. Mas como fazê-lo, visto que os ruídos vorazes de derredor estão cada vez mais volumosos¹⁶? Um terceiro sentido interpretativo também é possível e pode ser encontrado na seguinte questão: não seriam as crianças de hoje, por conta da vida que seus pais levam, lançadas cada vez mais cedo às claras? Dito de uma maneira mais “prática”: não seriam as creches, que recebem bebês cada vez mais cedo, um sintoma desse lançamento precoce das crianças à esfera pública? cremos que sim.

Refletimos, igualmente, a partir de uma famosa frase de Aristóteles. Na oportunidade, destacamos que o pensador se ateve ao que chamamos de *como* e *quem*. “quem tem desejo de aprender? *Quem* deve ensinar aos nossos filhos? *Como* ensinar

¹⁵ ARENDT, 2000, p. 235-236. Grifos nossos.

¹⁶ E se ouvem em toda parte: *ipads, iphones, apps*, fones de ouvido cada vez mais exagerados podem ser entendidos como veículos de tais ruídos. Contudo vale frisar que não se trata apenas de ruídos sonoros, mas também ideológicos, mercadológicos, etc.

nossos filhos?”. Assim pusemos as questões, no referido momento. Hannah Arendt, também as responde, bem à sua maneira. Nesse sentido, contempla aos dois âmbitos do problema, que encontramos em Aristóteles, com apenas um conceito, o da *natalidade*, pois segundo a autora:

É a oportunidade, proporcionada pelo próprio fato da crise – que dilacera fachadas e oblitera preconceitos –, de explorar e investigar a essência da questão em tudo aquilo que foi posto a nu, *a essência da educação é a natalidade, o fato de que seres nascem para o mundo*¹⁷.

Todos tem a necessidade de aprender, podemos arriscar a partir da citação, pois a educação é essencial para a manutenção do mundo¹⁸. E o problema da natalidade – nos referimos a ele desde o introito quando expusemos aqueles exemplos – é a essência da educação, justamente por não podermos impedir que crianças nasçam. De que maneira, então, Arendt dá conta do viés aristotélico do *como*? Através de uma espécie de *conservadorismo peculiar* – que se liga ao conceito de natalidade. A pista pode ser encontrada na seguinte citação:

A fim de evitar mal-entendidos: parece-me que o *conservadorismo, no sentido de conservação*, faz parte da essência da atividade educacional, cuja tarefa é sempre abrigar e proteger alguma coisa – a criança contra o mundo, o mundo contra a criança, o novo contra o velho, o velho contra o novo¹⁹.

O que significa o *como* deste *conservadorismo*? Significa que em nossos métodos pedagógicos e em nossos currículos escolares deveríamos focar o compromisso do *como* da conservação do mundo²⁰, através de um diálogo possível com a tradição. E quem levaria a cabo esta tarefa? O educador, visto que:

É sobremodo difícil para o educador arcar com esse aspecto da crise moderna, pois é seu ofício *como mediador entre o velho e o novo*, de tal modo sua própria profissão *lhe exige um respeito extraordinário pelo passado*²¹.

¹⁷ *Ibid.*, p. 223. Grifo nosso.

¹⁸ Aqui Arendt o entende heideggerianamente como mundo de relação, de interpolação, em que somos todos lançados e que na medida em que nos damos no mundo, o mundo se nos dá.

¹⁹ *Ibid.*, p. 242. Grifo nosso.

²⁰ Jorge Luís Borges faz afirmações interessantes, nesse sentido: “cada um de nós é, de alguma forma, todos os homens que morreram antes (...). O importante é a imortalidade. Essa imortalidade concretiza-nos nas obras que deixamos, na memória que alguém deixa nos outros” (BORGES, 2002, p. 31). A imortalidade aqui é entendida, digamos, como *transubjetiva*. Assim a nomeamos, por esta ir além da pessoalidade. É nesse sentido específico que somos, diz o argentino, quase sofrendo, *imortais*.

²¹ ARENDT, 2000, p. 243-244. Grifos nossos.

No fim do tópico anterior mencionamos Platão, pois este colocara o problema do *que* e do *pra que*. “*Que* devemos ensinar aos nossos filhos? *Pra que* devemos ensinar nossos filhos?”. Hannah Arendt, também responde a essas indagações, e em certa medida se aproxima de Platão, ao afirmar que a educação dada às crianças influenciará a vida vindoura²² e, inclusive, o mundo futuro através da esfera pública de atuação e discurso. Neste sentido, no que concerne ao *pra que*, temos:

Exatamente em benefício daquilo que é novo e revolucionário em cada criança é que a educação precisa ser conservadora; *ela deve preservar essa novidade e introduzi-la como algo novo em um mundo velho*, que, por mais revolucionário que possa ser em suas ações, é sempre, do ponto de vista da geração seguinte, obsoleto e rente à destruição.²³

Platão estava preocupado, em *A República*, com o destino de sua *pólis* e por isso queria estabelecer parâmetros que promovessem a consecução de uma *kallipolis*, isto é, de uma peculiar Cidade sábia, valente e temperante (427e):

Onde, integralmente realizada, não para cada cidadão mas para o conjunto das três classes, a justiça se equipara à felicidade de todos (420c). Nem rica nem pobre, porém sóbria, frugal, harmônica e sadia, mantendo sob rigoroso controle a produção de bens e mercadorias, deixada ao encargo da terceira e última classe, a Cidade, a salvo de crises, regulada pelo seu próprio equilíbrio interno, perduraria, tempo afora, graças à força cogente de sua pedagogia e de suas leis.²⁴

Ora, não é isso que Arendt almeja, quando pensa o mundo moderno? Parece que sim e parece, ademais, que ela é, em certa medida, platônica quanto à sua concepção política.

Além disso, responde ao *que*, colocado já por Platão. Podemos pinçar este rastro a partir da mesma citação supracitada. Declinemos, a partir disso, que a pergunta “*que* devemos ensinar aos nossos filhos?” tem como possível resposta, se misturarmos o

²² Lembramos de uma música de Arnado Antunes que nos coloca, poeticamente, diante de algumas reflexões. A canção se chama “Saiba”, dispomos de várias interpretações, uma, inclusive, é feita por Adriana Calcanhoto. Na letra, temos: “Saiba, / Todo mundo foi neném/ Einstein, Freud e Platão também/ Hitler, Bush e Sadam Hussein/ Quem tem grana e quem não tem// Saiba./ Todo mundo teve infância/ Maomé já foi criança/Arquimedes, Buda, Galileu/ E também você e eu// Saiba./ Todo mundo teve medo/Mesmo que seja segredo/ Nietzsche e Simone de Beauvoir/ Fernandinho Beira-Mar// Saiba./ Todo mundo vai morrer/ Presidente general ou rei/ Anglo-saxão ou mulçumano/ Todo e qualquer ser humano// Saiba, todo mundo teve pai/ Quem já foi e quem ainda vai/ Lao-Tsé, Moisés, Ramsés, Pelé/ Gandhi, Mike Tyson, Salomé// Saiba./ todo mundo teve mãe/ Índios, africanos e alemães/ Nero, Che Guevara, Pinochet/ E também eu e você.”

²³ *Ibid.*, p. 243. Grifo nosso.

²⁴ NUNES, Carlos Alberto. *In. PLATÃO*, 2000, p. 16.

filósofo grego e a pensadora da crise, o seguinte: Devemos educar por amor ao mundo, para que os conteúdos nos despertem esse amor²⁵.

3 Temple Gradin e sua autobiografia

Se partirmos do pressuposto que a vida mesma pode dar ensejo à filosofia²⁶, a escolha de trazer à baila, aqui, uma autobiografia não pode parecer estranha. Se ainda assim, não estiverem os leitores convencidos, é preciso lembrar que já fizeram isso, Kierkegaard, por exemplo, mesmo se...

[...] no dispone de um sistema propriamente dicho, arremete energicamente contra la filosofía de Hegel debido a su objetividad e a su carácter público (*Offentlivhkeit*) y niega la posibilidad de la meditación, es decir, la posibilidad de cancelar la oposición entre la tesis y la antítesis mediante un sistema racional y supraordinario. *Afirma la prioridad de la existencia frente a la esencia y parece haber sido el primero que dio a la palabra “Existencia” su sentido “existencialista”*²⁷.

Tentamos justificar, com isso, que é cabível utilizarmos como referência um livro desta natureza, visto que é possível que se parta da vida mesma como base de uma reflexão aprofundada sobre temas, digamos, maiores. O filósofo dinamarquês, na maioria de suas obras, imiscui sem pudor sua vida e filosofia.

Sem mais delongas, passemos a referida obra.

*Uma menina estranha*²⁸ é uma autobiografia de uma autista chamada Temple Gradin. E por que figurará entre nossas referências? Porque viveu a referida autora seu drama²⁹ pessoal justamente no contexto em que escreve Hannah Arendt seu ensaio – durante a década de 1950 e justamente nos Estados Unidos. E por ter feito considerações agudíssimas em relação ao ensino de seu país natal, traremos à baila alguns desses trechos. Como o seguinte, no qual se refere a uma professora de uma pequena escola particular em que estudara:

Mesmo que eu fosse capaz de explicar meu raciocínio para a sra. Clark [minha professora], ela não teria aceito aquele tipo de lógica –

²⁵ Dizemos isso a partir de COURTINE-DENAMY, 2004, p. 181.

²⁶ Afirmamos com isso que a vida de determinados indivíduos podem fomentá-la.

²⁷ BOCHENSKI, 1975, p. 177. Grifo nosso.

²⁸ GRADIN, 1999.

²⁹ Termo desgastado, mas podemos aqui resgatar, aristotelicamente, seu sentido original de *ação*. A respeito deste seria interessante conferir a obra *Poética*.

*meu raciocínio não se enquadrava em seu tipo de ensino, em que as coisas ou são brancas ou são pretas, ou estão certas ou erradas*³⁰.

O aparente desabafo se dá a partir de um contexto interessante: a sra. Clark teria proposto uma atividade para que as crianças da turma de Temple aprendessem os vários sons das letras. Assim, distribuíra livros a cada criança, livros com figuras. Numa das páginas havia uma caixa, uma mala, uma fonte de pássaros, uma cadeira, um telefone e uma bicicleta. Temple marcou “b” na mala por ter achado que era uma caixa (“box”). Pulou a fonte para passarinhos porque ela ficava no meio de um jardim, e achou que o som-chave para ela fosse “g” de *garden*³¹. O desfecho da história já pode até ter sido adivinhado – Temple Gradin fora repreendida.

Se quisermos colocar uma questão a partir dos conceitos arendtianos, poderíamos tentar: como lidar com a natalidade, com a renovação dos seres do mundo, a partir de um caso tão particular como o de Gradin? Que desafios ela e sua vida puseram a seus pais e educadores, no sentido de defender uma menina autista de uma esfera pública que lhe era interdita, dada a maneira como ela se relacionava com a linguagem e com o pensamento? Reflitamos.

Em outro trecho, Temple reflete acerca da autoridade. Nele, ela se encontra num ponto de acesso restrito, dado a sua localização em altura, na escola interna em que então estudava:

*Descumprir as regras era algo que eu não tinha superado. No Observatório, pensava sobre a autoridade e as regras. Quando passei para o telhado pela portinhola de madeira, estava ultrapassando a autoridade da escola. De início, achei que, depois de passar pela porta, eu me encontrava além do alcance de qualquer autoridade humana – regras, leis – e que além da porta estava eu, a vida, Deus, e a liberdade de escolha. Depois percebi que além da porta ficava a autoridade, também, mas a autoridade dentro de cada um*³².

Temple Gradin, sem se dar conta, estava refletindo sobre a autoridade de uma maneira muito próxima a de Hannah Arendt, tentemos uma ponte interpretativa: “Como não se pode educar adultos, a palavra “educação” soa mal em política; o que há é um simulacro de educação, enquanto o objetivo real é *a coerção sem o uso da força*”³³. Talvez a este aspecto esteja a autista se referindo, mesmo sem o notar.

³⁰ *Ibid.*, p. 35. Grifo nosso.

³¹ *Ibid.*, p. 34-35.

³² *Ibid.*, p. 86.

³³ ARENDT, 2000, p. 225.

Contudo, nem tudo foi dor, no *drama* de Gradin. No colegial encontrara a um professor que: “Não tentou me atrair para o mundo dele, e sim entrar no meu”³⁴. E *menina estranha* cresceu. Terminou o colegial, cursou o ensino superior – foi oradora quando de sua formatura – e se tornou uma profissional *sui generis*: desenhando e executando projetos para o manejo de gado. São poucos os profissionais no mundo que trabalham com isso...

Considerações finais

Realizamos, neste trabalho, uma espécie de caminhada. Na abertura, apresentamos a questão e a sùmula de cada trecho. Neste passo começaremos fazendo o mesmo.

No primeiro item, chamado *Filósofos antigos já puseram a questão*, expusemos três trechos de três filósofos da antiguidade: Epicuro, Platão e Aristóteles. Nosso fito, ali, era mostrar que nas raízes cronológicas da filosofia, o problema da educação já estava posto.

Já no segundo, trouxemos a lume Hannah Arendt e alguns dos conceitos presentes em *A crise na educação*, sempre intercalando os três antigos e a autora. Intentávamos, por lá, afirmar que na contemporaneidade o problema da educação se encrespa, torna-se ainda mais espinhoso.

No último item, trouxemos à baila menções à autobiografia *Uma menina estranha*. Ali, explicamos nosso propósito e, mais uma vez, ladeamos uma referência a nossa referência-base³⁵, de certa forma *plissamos* conceitos – nosso trabalho: verdadeiro *plissê*.

Resta-nos apresentar uma saída ao problema: *que devemos ensinar aos nossos filhos?* Acreditamos que duas notórias possibilidades se mostram. A primeira chamemos *via da vaia*. Seus defensores estão sempre apressados, prontos a destruírem qualquer pressuposto, rápidos no apedrejar, vorazes no substituir, parecem viver em um eterno duelo com tudo e todos; e mesmo sem refletir *vaiam* a tudo e todos. Esta não é, na verdade, uma saída – é um beco sem uma...

³⁴ GRADIN, 1999, P. 89.

³⁵ O leitor certamente deve ter notado que sempre carreávamos Hannah Arendt e seu ensaio, aonde quer que fôssemos...

A segunda nomeemos *via da vida*. Seus comensais estão dispostos a tudo, estão abertos à novidade e vivem num estado de metáfora: podendo assumir qualquer direção e a qualquer momento, se transformam sempre e sempre em vista que

Pensar não inclui apenas o movimento das ideias, mas também sua imobilização. Quando o pensamento para, bruscamente, numa configuração saturada de tensões, ele lhes comunica um choque através do qual essa configuração se cristaliza enquanto mônada³⁶.

Sabem, por isso, que as suas ideias como células-tronco que se transvestem nos mais variados tecidos. Esta não é, na verdade, uma saída – são asas que se plamam...

Escolhamos, pois, a via da arte e da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Marcelo. “A banalidade do Mal e as possibilidades da educação moral: contribuições aredtianas. In. Revista Brasileira de Educação, v. 15, n. 43, jan./abr. 2010.
- ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- BENJAMIN, Walter. “Sobre o conceito de história”. In. *Magia e técnica, arte e política* (Obras escolhidas; v. 1). São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOCHENSKI, I. M. *La filosofia actual*. México: Fondo de Cultura Económica, 1975.
- BORGES, Jorge Luís. *Cinco visões pessoais*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- COURTINE-DENAMY, Sylvie. *O cuidado com o mundo – diálogo entre Hannah Arendt e seus contemporâneos*. Belo Horizonte: Humanitas, Editora UFMG, 2004.
- EPICURO. *Carta sobre a felicidade* (a Meneceu). São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- GRADIN, Temple. *Uma menina estranha: autobiografia de uma autista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- JARDIM, Eduardo. *Hannah Arendt: pensadora da crise e de um novo início*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Hélade: Antologia da Cultura Grega*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1982.
- PLATÃO. *A República*; trad. de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

³⁶ BENJAMIN, 1994, p. 231.

VERNANT, Jean Pierre. *Os gregos inventaram tudo*. Publicado no Jornal Folha de São Paulo, Edição nº 25.778, Domingo, 31/10/1999. Caderno MAIS!